



As incertezas do Brexit e a Gestão Interina

Não há dúvida de que existe no Brasil uma certa ansiedade no ar, provocada pela perspectiva da reforma da Previdência e a retomada do crescimento econômico.

No entanto, há uma outra ansiedade maior e mais abrangente, tomando conta de quase toda a Europa Ocidental e, sobretudo, do Reino Unido, que aguardam o que lhes acontecerá. O acordo será revogado? Prorrogado? Ou nenhum dos dois? Neste caso, o Reino Unido deverá sair da UE, sem acordo.

Essa perspectiva provocou um queda surpreendente na cotação da Libra e reforçou o entendimento de que o Reino Unido “retomará o controle” sobre sua legislação e fronteiras com um custo significativo para sua economia; por outro lado, a possibilidade da permanência na UE até 2020, provocou a mais forte elevação da cotação da moeda, desde 2017 (<https://exame.abril.com.br/noticias-sobre/libra-esterlina/>).

De qualquer forma, com ou sem acordo, é certo que o Reino Unido não será mais o que foi nas últimas décadas, mas não se sabe o que será. E isso está obrigando as empresas a quebrar a cabeça. Como uma empresa planeja estrategicamente, com um número desconhecido de incógnitas, em cenários que variam da paralisação de portos à estagnação econômica?

É certo que planos de investimentos (lá como cá) estão suspensos, a quantidade de negócios está sendo reduzida e que grandes corporações, particularmente dos segmentos automotivo, de turismo, agronegócio, farmacêutico e financeiro estão sendo significativamente afetadas.

Isto não implica, necessariamente, paralisia. Ao tempo em que partidários do Brexit emulam Margaret Thatcher ("Não existe essa coisa chamada sociedade. Há [uma] trama viva feita de pessoas... e a qualidade de nossas vidas dependerá de quanto cada um de nós está preparado para assumir a responsabilidade por si mesmo...")

set.1987- <https://www.margareththatcher.org/document/106689>) e, por isso mesmo, não

têm e nem precisam de um plano para o país pós-Brexit, as organizações estão sendo cobradas pelos investidores, órgãos de governo, mídia e trabalhadores, para que informem suas estratégias e implicações para consumidores e acionistas, e várias delas estão se valendo da experiência de Executivos Interinos, especialmente para lidar com essa situação.



A “newsletter” de março da Association of Interim Executives (<https://www.interimexecs.org/interim-management-helps-businesses-plan-for-brexit-uncertainty/>) traz depoimentos, por exemplo, de Gabby Weidlich, CEO Interino, que afirma que **“O planejamento de cenários na cultura informativa atual de 24 horas e a natureza global dinâmica dos negócios significam que os CEOs estão sendo pressionados ... Isso foi um desafio antes do Brexit, mas agora é muito mais, e muitos CEOs estão lutando com isso ”**

Enquanto algumas organizações resolveram sair do Reino Unido, e outras se limitam à operação básica do dia-a-dia, entendendo que qualquer planejamento é vulnerável, nesse quadro de dados incertos, há aquelas que percebem a oportunidade de obter, pela via da **Gestão Interina**, liderança objetiva, não tolhida pelo emaranhado de problemas reais ou imaginários resultantes da evolução do Brexit, capazes de se valer de sua experiência e históricos profissionais bem sucedidos de enfrentamento e superação de crises, planejamento em momentos econômicos e políticos dúbios e incertos.

Ironicamente, num momento em que as organizações necessitam do talento de executivos seniores capazes de indicar caminhos e conduzir ações, eles se tornam mais e mais indisponíveis, quer por não quererem ou por temerem mudar de situações a que estão arraigados, quer por, no caso de não-britânicos, estarem de volta aos seus países de origem ou à UE, de forma geral (um estudo do Chartered Institute of Procurement and Supply revelou que 11% das empresas transferiram parte de sua força de trabalho para fora do Reino Unido).

Isto tem feito com que essas organizações se valham ainda mais da **Gestão Interina**, beneficiando-se do conhecimento, da rede de relacionamentos e da abordagem estratégica

que um Executivo Interino oferece, bem como de sua habilidade para, rapidamente, avaliar situações e adotar medidas práticas, táticas e estratégicas, que resultam.

“Em tempos altamente instáveis e voláteis, uma forte cultura organizacional é o cimento que mantém a base corporativa intacta. Os executivos interinos estão cientes da cultura organizacional e influenciam a força da cultura quando criam estratégias sustentáveis. Desde CEOs e COOs sob demanda, a estrategistas, os Gestores Interinos podem lançar luz e clareza nas situações mais complicadas - incluindo o Brexit.”

“As empresas agora, mais do que nunca, precisam permanecer fiéis ao seu propósito e planejar estrategicamente isso. Isso é importante para todas as partes interessadas, especialmente clientes, funcionários e parceiros de fornecimento ou colaboradores. Seja qual for o modo como o Brexit funcione, as empresas precisam planejar o cenário para o futuro - a concorrência não dorme ”, disse Weidlich.



No Brasil, as organizações podem se valer do mesmo recurso. A **Gestão Interina** é uma realidade concreta, disponível e eficaz.

Conheça mais sobre isso em nosso site e não hesite em enviar sua consulta através da nossa página “Fale Conosco”.